

26 DE OUTUBRO DE 2007



Kriolidadi

CULTURA E VARIEDADES

A SEMANA



*Cabo Verde, Nha
Cretcheu divide opiniões*

Ministério da Cultura repudia atitude “inconveniente” da presidente da CMSV

O fim dos trabalhos da Conferência sobre a Geração Centenária da Claridade, que teve lugar no último fim-de-semana, ficou marcado por um incidente que envolveu a presidente da Câmara Municipal de São Vicente e fez o Ministro da Cultura e vários conferencistas abandonarem a sala, deixando a edil do Mindelo a falar para os outros. Isaura Gomes, sem dar cavaco a ninguém, assenhorou-se do púlpito e acusou o Ministério da Cultura de a ter marginalizado no evento, pois só recebeu o convite à última da hora.

Em comunicado de imprensa, o Ministério da Cultura classifica o comportamento da edil mindelense como “inconveniente” porque “a Senhora Isaura Gomes, não tendo participado nas conferências e debates do fórum, quis, na parte final do mesmo, estragar a festa. Apareceu descontrolada na sala, com aparência de quem tinha bebido para além dos limites. Aliás, ela mesmo confessou ter tomado alguns copos de vinho para depois ir dizer “algumas verdades” ao Ministro da Cultura”.

“O Gabinete do Ministro da Cultura contactou o seu gabinete, informando-a das grandes linhas do evento, e solicitando sugestões para o programa. A solicitação nunca teve resposta. Assim, foi contactado o Vereador da Cultura da CMSV solicitando sugestões para o programa do evento, não tendo também havido qualquer resposta” informa o MC a propósito das declarações da edil mindelense.

Face a esta situação, explica ainda a nota do MC, “em Outubro, o Ministério deu forma definitiva ao programa que foi enviado a todos os convidados e também à presidente da Câmara de S. Vicente. É esta situação que deixou a Senhora Isaura Gomes insatisfeita, e a levou a ser tão inconveniente e desrespeitosa para com a assembleia” conclui ainda o gabinete de Manuel Veiga. A nota não o diz, mas talvez para condenar a atitude da edil mindelense, no momento em que Isaura Gomes desferia os seus ataques contra o Ministério da Cultura, Manuel Veiga abandonou a sala da conferência, no que foi seguido por vários conferencistas e elementos que faziam parte da mesa do painel em debate.

“O Ministério da Cultura lamenta profundamente o incidente e, publicamente, repudia a atitude incorrecta e desrespeitosa da Senhora Presidente da Câmara de S. Vicente”, sentencia o director de Gabinete do MC. Contactada, através da sua secretária, para apresentar a sua versão dos factos, Isaura Gomes protelou uma reacção, mandando dizer, segundo palavras da secretária, “que o fará no momento certo”. TSF



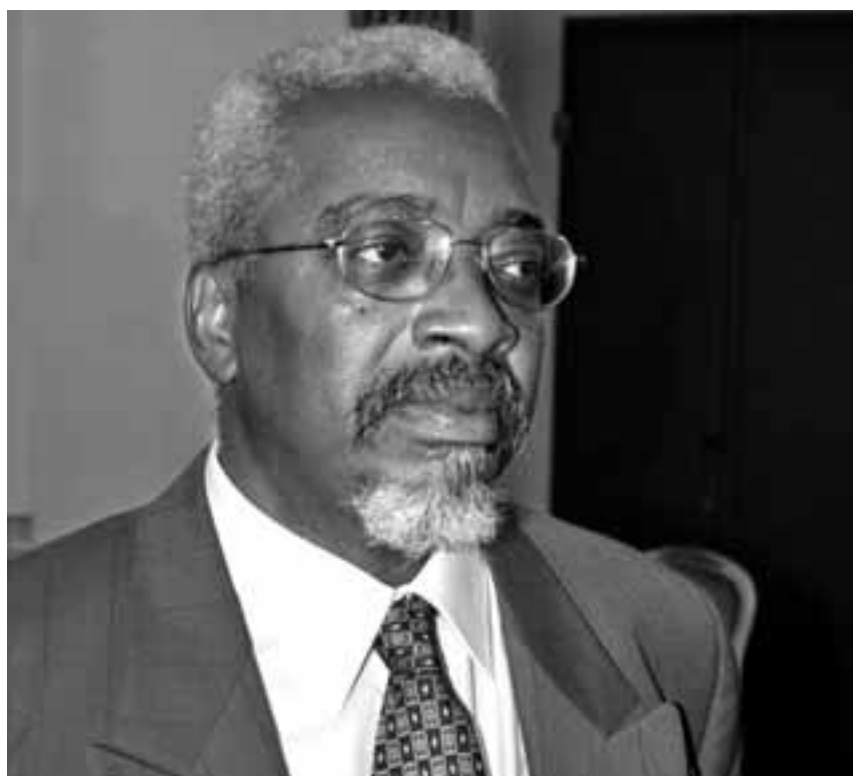
Praia acolhe encontro dos ministros da Cultura da CPLP

A cidade da Praia acolhe, de 1 a 3 de Novembro, o encontro anual dos ministros da Cultura da CPLP. Até este momento já confirmaram presença na reunião da capital, em que Cabo Verde apresentará um leque de propostas, as delegações de Angola, Brasil, Portugal e Guiné-Bissau.

As diferentes comitivas começam a chegar à Praia no dia 1 de Novembro. Para o dia seguinte, 2, está agendada a reunião das delegações técnicas dos oito países da CPLP, faltando neste momento a confirmação das equipas de Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. No dia 3, além de uma visita à Cidade Velha, acontece o encontro dos ministros da CPLP, em que Manuel Veiga, o titular cabo-verdiano da pasta apresentará quatro propostas concretas.

São elas: mudar a periodicidade do encontro de anual para bi-anual; criar um grande prémio da CPLP, a ser atribuído a uma actividade cultural do país que acolhe o encontro; organizar uma feira cultural que, segundo Manuel Veiga, “promoveria a inclusão da sociedade no encontro”; e, reflectir sobre um determinado aspecto cultural do país onde tem lugar a reunião.

Além de Cabo Verde, a Brasil é o único país que, até este momento, anunciou que também apresentará uma proposta, esta sobre o audiovisual. Na Praia, segundo o ministro da Cultura cabo-verdiano, “está tudo quase pronto. Estamos apenas a ultimar alguns preparativos da reunião”.



XV FESTIVAL 2007

Sete Sóis

Sete Luas



www.7sois.eu

A REDE CULTURAL DO FESTIVAL

ORGANIZAÇÃO



Câmara Municipal da
Ribeira Grande

APOIOS



Embaixada de Portugal
em Cabo Verde

Centro Cultural
Português na Praia



Provincia di Catania
(Itália)



Ajuntament de
Tavernes de la Vallidigna
(Espanha)

PROGRAMA

RIBEIRA GRANDE

(ilha de Santo Antão),
Terreiro

> 25 Out - 3 Nov:

- residência artística do escultor
Josep Grau (Valencia)
e da fotógrafa
Fabiola Serra (Valencia)

> sexta-feira 2 de Novembro:

18h00 - Encontro com o escritor
Jacinto Lucas Pires (Portugal)

21h30 - Concerto
DAZKARIEH (Portugal)

22h45 - Prémio Revelação
Sete Sóis Sete Luas com
a participação de grupos musicais
da ilha de Santo Antão

> sábado 3 de Novembro:

21h30 - Inauguração da obra de
Josep Grau (Valencia)

21h45 - Concerto
VIOLAS DE PONTE DE SOR
(Portugal)

22h30 - Concerto
NAKAIRA (Sicília)

23h30 - Prémio Revelação
Sete Sóis Sete Luas

MINDELO

Centro Cultural Português
do Mindelo

> quinta-feira 1 de Novembro:

18h00 - Encontro com o escritor
Jacinto Lucas Pires (Portugal)

PRAIA

Centro Cultural Português
da Praia

> sábado 3 de Novembro:

21h30 - Concerto
DAZKARIEH (Portugal)

Entrada livre

Info: info@7sois7luas.com

PORTUGAL

Castro Verde
Montemor-o-Novo
Odemira
Oeiras
Ponte de Sor
S. Maria da Feira
Vila Real
de S. Antão

CANARIAS

(Tenerife)
La Laguna

MAROC

Morocco
Nador

CABO VERDE

(Santo Antão)
Ribeira Grande

FRANCE

Fontgignan

TOSCANA

Pontedera
Montemurlo
Montescudaio
Impruneta

ROMA

FLORAS

Joanina

SICILIA

Mascalucia

ISRAEL

Beitana

COMUNITAT VALENCIANA

Tavernes de la Vallidigna

ANDALUCIA

Cádiz
Cartaya
Castril

Ass. Sete Sóis Sete Luas

A desmistificação da

João Lopes Filho, entre todos os oradores, foi o único que agitou as águas da conferência sobre o centenário de nascimento da geração do Movimento Claridade, que aconteceu de 18 a 20 de Outubro, no Mindelo, no âmbito do Dia Nacional da Cultura, ao apresentar João Lopes, seu pai, e Jaime de Figueiredo como fundadores desta que é a mais importante época da literatura cabo-verdiana, e a cidade da Praia como um dos locais da sua génese. “Dos mitos também se faz a história”, disse João Lopes Filho ao tomar a palavra. Mas, afirmou logo a seguir o antropólogo cabo-verdiano, “tudo aquilo que intuitivamente choca por não corresponder à verdade merece

Os locais onde se gerou a revista Claridade:

- “(...) na ‘fase inicial’ as reuniões realizadas no ‘Círculo Cultural’ ou ‘Clube Literário’ (como também é referenciado), foram promovidas por João Lopes, que, chegado dos EUA e Portugal, informa a propósito: “(...), depois de cá estar dois anos, formei o meu círculo de relações e promovi, em 1922, as primeiras reuniões do Círculo Cultural, que creio ter sido o primeiro do género em Cabo Verde, congregando no meu quarto de Fonte Cónego um grupo da inteligentia local, como o Dr. Adriano Duarte Silva, Alberto Leite, Jorge Barbosa, José Lisboa, Francisco Azevedo e Pedro Ferreira Santos. Nesse contexto, depois de uma primeira conferência proferida por João Lopes, seguiram-se outras (...)”.
- Aquela dinâmica cultural acompanhou João Lopes na sua mudança para a capital e informa: ‘Chegado à Praia, tomei a peito a publicação destas conferências’. Na mesma sequência, João Lopes proferiu, também, outra conferência na Praia, em 1928 e, certamente devido ao bom relacionamento entre os dois, o texto traz a seguinte dedicatória: “A Jaime de Figueiredo, solidário animador das coisas modernistas em Cabo Verde”. (...) Acrescenta ainda o mesmo: “O Jaime trabalhava nos baixos do prédio da Casa Madeira e as reuniões faziam-se no meu quarto, no 3º piso do prédio Salomão, na Praia”.
- “Nas palavras de Luís Romano: “Dia a dia a consolidação da tertúlia se unifica. João Lopes vai para São Vicente. Aí desenvolve os seus pensamentos e guia para outros caminhos Manuel Lopes, que vinha publicando poemas no Almanaque de Lembranças. Deste modo inicia-se aquela que denominamos “terceira fase do movimento”, que aconteceu no Mindelo e consolidou-se com a publicação da revista em 1936.
- “Citando João Lopes: ‘Conclui-se, portanto, que o movimento consagrado pela Claridade, seguido pela Certeza e assimilado por muitos que se entroncaram naquelas duas revistas, ou mesmo na escola criada por elas, teve a sua origem na Praia, com o Jaime à frente, e não em São Vicente’».

Os fundadores da Claridade:

- “Segundo João Lopes: ‘No meio desta euforia literária toda, caíram como uma dádiva de Deus dois elementos que viriam a mudar completamente o rumo disperso

das nossas actividades, coordenando, congregando, seleccionando valores. Refiro-me à chegada, vindos de Lisboa, do Dr. Baltasar Lopes e mais tarde do Dr. António Aurélio Gonçalves”.

- “Relativamente a esta importante fase do processo em curso, Luís Romano salienta o papel desempenhado por João Lopes nos referidos debates: ‘Impondo-se pelo talento e visão como figura central das relações públicas e intelectuais entre os membros componentes do grupo Claridade, ele conviveu fraternalmente com todos os companheiros, muitas vezes servindo como mediador e conselheiro para consolidar a camaradagem necessária à vida da Revista’”.
- “Teixeira de Sousa afirma que ‘Jaime Figueiredo teria sido o motor da modernização das tendências literárias quando em São Vicente, onde esteve alguns anos, se juntou a Baltasar Lopes, João Lopes, Jorge Barbosa para planearem a publicação duma revista cujo título seria Atlanta’. Portanto, o projecto concebido por Jaime de Figueiredo na Praia, acompanhou-o quando se transferiu para São Vicente e terá sido a partir daquele que o ‘Grupo’ se baseou para lançar uma revista, embora em novos moldes, no Mindelo. Todavia, acontece que, segundo Baltasar Lopes: ‘Jaime de Figueiredo (...) era um indivíduo extraordinariamente inteligente, mas um anti tudo ... Ele depois desinteressou-se da revista’ (...) “O Jaime de Figueiredo (...) era um grande teorizador, mas não escrevia uma palavra”. (...) Ele não escrevia, realizava-se oralmente” (...) Depois, quando se tratou propriamente da publicação, é que ele se afastou”.
- “(...) Baltasar Lopes é considerado, por muitos ‘intelectuais’, o ‘Mentor’ do ‘Movimento Claridoso’. Porém, Manuel Lopes (em 2001) é bem claro a este propósito: ‘Muita gente supõe que Baltasar Lopes é que formou o grupo, mas, na verdade, quando ele chegou a São Vicente (...) havia já grupos literários há bastante tempo’. E para que não restem quaisquer dúvidas, explicita: “Eu, o Jorge e o João Lopes dávamo-nos muito bem. E antes de eu conhecer o Baltasar já tínhamos as nossas reuniões literárias. E continua: “Por exemplo, quando regressa de (Coimbra) Lisboa, não trazia nada consigo que provasse que tinha actividade literária anterior. Ali, com o grupo é que despertou para a escrita”.
- «João Lopes foi o único elemento que participou activamente em todas as referidas três “fases” da Génese da Claridade, conquanto tal venha sendo sistematicamente ignorado e, do mesmo modo, dissimulado o pa-



pel que o mesmo desempenhou no decurso do processo. Para além de colaborar nos números um e três, João Lopes passou a ser o Director da Claridade, a partir do terceiro número até ao desaparecimento da revista, e não seremos ingénuos ao ponto de acreditarmos que um “Grupo” constituído por elementos de tal gabarito, bem esclarecidos, lhe teriam concedido aquele privilégio apenas pelos seus “lindos olhos””.

- “Relativamente à Direcção da Claridade, esclareceu Manuel Lopes quanto aos dois primeiros números: O meu nome ali no cabeçalho não envolve um significado especial (...) Eu não passava de um director in nomine (...) O João Lopes era uma espécie de globe-trotter do arquipélago. Sediado na Praia, a sua profissão forçava-o a frequentes movimentações pelas ilhas”, demonstrando claramente porque é que este viria a assumir aquele lugar por direito próprio”.

génese da Claridade

reparo”. E relativamente ao caso em apreço, considerou João Lopes Filho, “é nosso entendimento que se está ainda a tempo de proceder à correcta reposição dos factos e, principalmente, fornecer aos mais jovens um apurado panorama da evolução dos acontecimentos e respectiva correlação com os participantes na dinâmica que conduziu à Claridade – Revista de Arte e Letras”. **Kriolidadi** transcreve agora, nas linhas abaixo, os excertos mais significativos da dissertação de Lopes Filho, baseados essencialmente em documentos e correspondência deixada pelo seu progenitor, Jaime de Figueiredo, Manuel Lopes, Baltasar Lopes, Luís Romano e Arnaldo França.



A discriminação de João Lopes e Jaime de Figueiredo:

- “(...) Denota-se uma nítida preocupação do Manuel Ferreira em marginalizar o desempenho de João Lopes no contexto fundador da Claridade. Intenção bem patente na maneira um tanto ambígua como (das poucas vezes) a ele se refere no “Prefácio”, em que apenas faz alusões tentando secundarizar a sua acção, como se constata (p.e.) nas seguintes frases: “Mais afastado e não menos interessado, João Lopes (pXX), ou então “João Lopes (...) que andou muito próximo do grupo fundador” (p.XIX), expressões que deixam entender que ele não pertenceria ao grupo.
- “(...) Traduzindo a confiança que João Lopes merecia à Juventude da altura, Arnaldo França descreve o seguinte episódio: Terminada a guerra com a vitó-

ria dos aliados, o governo Português viu-se obrigado a realizar eleições ditas democráticas à Assembleia Nacional. A juventude exaltada com a perspectiva, de imediato considerou a hipótese da candidatura do Dr. Baltasar Lopes da Silva. Foi a João Lopes que nos dirigimos pedindo-lhe que transmitisse o nosso desejo ao Mestre de todos nós (...).”

- “Mostra-se bastante plausível que toda essa contextualização tenha servido de “incubação natural” para o surgimento da surda perseguição e o ostracismo a que João Lopes foi votado quando os representantes do regime político colonial detectaram os fundamentos das suas pretensões.
- “Relativamente a Jaime de Figueiredo, outro elemento que de certa maneira foi também praticamente proscrito no mesmo sentido, opina Luís Romano: Podemos

considerá-lo sem rodeios, nem melindres, um fundador do Movimento Literário de Cabo Verde, ciente das possibilidades e amplitudes que a nossa cultura estética iria produzir”.

A conclusão de João Lopes Filho:

“Finalizando, parece-nos ter ficado claro que João Lopes e Jaime de Figueiredo, embora geralmente olvidados, foram incontornáveis fundadores da Claridade – Revista de Arte e Letras e que ambos desempenharam importantes papéis que vêm sendo sistematicamente ignorados pelos estudiosos, não sabemos se por desconhecimento, se intencionalmente ou, parafraseando o próprio Figueiredo, ‘por que misteriosas conexões se engendra a mecânica dos factos e se processa a tessitura dos acontecimentos’”.

Sara Tavares em TheaterTour

Sara Tavares inicia na próxima quarta-feira, 31, a sua TheaterTour, a digressão que, nos próximos dois meses, a levará a 13 cidades da Bélgica e da Holanda. São dois países onde a cantora cabo-verdiana já é considerada uma estrela, daí que seja aguardada com grande expectativa.

Groningen, na Bélgica, é a primeira cidade onde Sara Tavares vai actuar neste TheaterTour. Seguem-se 11 concertos no mês de Novembro, em cidades belgas, assim como Eindhoven e Alkmaar, holandesas, e também as duas grandes metrópoles Rotterdam e Amsterdam. O último concerto é a 9 de Dezembro, em Bruxelas, Bélgica.

Entre estes concertos no continente europeu, haverá ainda tempo para um salto à Grã-Bretanha. Mais propriamente a 8 de Dezembro, Sara Tavares canta no Queen Elisabeth Hall, em Londres (Reino Unido). E fecha o ano com um espectáculo no Le Trianon, em Paris, França. São países em que Sara Tavares já actuou diversas vezes e onde a crítica se desmancha em elogios à cantora cabo-verdiana.

A revista inglesa Taplas escreveu que “*se a luz do sol tivesse um som, soaria provavelmente a Sara Tavares*”. Na Bélgica, o jornal Le Soir fala do seu segundo disco a solo (Balancê) como um álbum cheio de charme e personalidade, e da sua autora como dona de um sorriso capaz de conquistar os mais reticentes. E o diário francês Libération diz que Sara Tavares canta “*uma África doce e alegre em composições de espantosa maturidade*”.

TSF



Do Sal, o segundo CD de Hermínia

O álbum tem passado despercebido mas, desde há um ano, Hermínia tem um novo disco – “*Do Sal*”. Fiel à raiz tradicional, a cantora de 64 anos, originária de S. Vicente mas a residir na ilha do Sal há várias décadas, convidou para cantar com ela neste seu segundo disco a solo duas memoráveis vozes masculinas, Morgadinho e Teófilo Chantre.

Com o selo da editora Celluloid, “*Do Sal*” é cantado por Hermínia com

a sabedoria de uma mulher em quem a vida, com seus azares e prazeres, deixou marcas que se vêem ouvindo na sua voz única. São 11 temas que, nas ondas do choro da guitarra e dos arranjos de percussão, reafirmam o talento de Hermínia, nunca reconhecido ou galardoado aquém e além-fronteiras.

Um repertório que Hermínia já cantou muitas vezes nos muitos anos em que em bares animou as noites das ilhas. De entre as composições, desta-

que para Disgosto profundo, de Lela de Maninha, a morna preferida de Hermínia, e Cavól tá bai, cavól tá bem, música da Boa Vista, que ela aprendeu aos oito anos e a tornou célebre.

É esse disco que Hermínia canta amanhã, 27, no restaurante cabo-verdiano Mam’Bia, em Paris, antes do grande concerto no dia 2 de Novembro, no New Morning, a segunda maior sala de espectáculos de França.

TSF

Boy Gé Mendes em “Best of”

Boy Gé Mendes está de regresso aos discos, desta vez com o primeiro “*Best of*” da sua carreira. O CD deste músico, compositor e guitarrista cabo-verdiano nascido Gérard Mendes Sequeira, em Dakar (Senegal), traz 15 dos seus maiores êxitos.

Durante a sua carreira, que se iniciou nos anos 70, no seio

do grupo Cabo Verde Show, Boy Gé editou seis discos: Grito de Bo Fidje (1981), Mendes & Mendes (1983), Di Oro” (1996), Lagoa (1997), Noites de Morabeza (1999) e Noites de Morabeza (1999), editados duas vezes, por diferentes editoras.

Discos de onde retirou os temas

que agora fazem parte do seu Best of. Entre eles, “*So Doce, So Me!*”, “*Jóia*”, “*Beijo de Longe*”, “*Lagoa*”, “*Funana di Nha Bonga*”, “*Beleza Negra*”, “*Pampario*”, “*Ce La Vida*”, “*Noite de Morabeza*”, “*Anima*”, “*Nha Manera*”, “*Nha Tchon*”, e um remix de “*Cumba Ietu*”.

TSF



Blick Tchutchi em véspera de próximo CD

“Continuo a fazer coisas bonitas”

Os fãs de Blick Tchutchi, cantor cabo-verdiano que fez furor nos anos 80 e 90, vão ter à disposição, em Novembro mais um álbum dessa figura. “*Ku pé fincadu na tradiçon*”. Blick, que esteve vários anos ausente e que aos poucos procura retomar a carreira, revelou ao Kriolidadi que o seu próximo CD traz 12 inéditos, todos da sua autoria, um dos quais em homenagem a Ildo Lobo. Nesta conversa ele rende também o seu tributo a Paulino Vieira, um amigo de longa data.

Aos 51 anos de idade, Blick Tchutchi é um homem de fala mansa, gentil e discreto, que nada tem a ver com a imagem esfuziante transmitida pelos seus trabalhos dos anos 80 e 90. Dir-se-ia mesmo que há um outro Blick Tchutchi neste homem que, agora, na idade madura procura retomar a carreira depois de um interregno de 16 anos.

É na sequência desse regresso ocorrido em 2003 que sai agora, em Novembro, o sétimo álbum de Blick Tchutchi, o terceiro desta nova série: “*Ku pé fincadu na tradiçon*”, constituído “*por todo o tipo de música*”, afirma. Nas 12 faixas, todas compostas por ele, Blick percorre quase todos os géneros, em especial o funaná e batuco, mas também a morna. Uma das composições desse novo CD é uma homenagem ao falecido Ildo Lobo: “*Ele foi muito meu amigo e a sua morte, naturalmente, foi uma tristeza para mim*”.

Outro grande amigo é Paulino Vieira, por quem Blick diz ter uma imensa estima, pois foi ele que fez a orquestração de quase todos os seus discos da primeira fase. “*No meu primeiro disco fui acompanhado pelos Tulipa Negra, os restantes foram todos orquestrados por Paulino Vieira*”, explica. Afinal, acrescenta, “*nem sempre é possível encontrar um músico que seja capaz de ajudar um cantor a transmitir aquilo que quer. Comigo o Paulino conseguia isso*”.

E, desde então Blick tem Paulino na lista dos seus grandes amigos. “*Sei que ele tem passado por dificuldades, mas quando ele quiser voltar a trabalhar comigo estarei disponível. Aliás, pessoalmente, espero voltar a trabalhar com ele, um dia*”.

Mas a estima de Blick por Paulino não fica por aqui. “*O Paulino merecia estar hoje numa situação melhor*”. E a razão é uma: “*É dos músicos mais importantes da história de Cabo Verde. Por isso merece ser apoiado por nós todos, cabo-verdianos*”.

Esta conversa com Blick Tchutchi aconteceu na passada sexta-feira, na Galiza, Espanha, onde ele e outros colegas de banda fecharam a “*Semana de Cabo Verde na Galiza*”, um evento que contou com as presenças de Germano Almeida, Leão Lopes, os empresários Gualberto do Rosário e Nelson Atanásio, para além do autor deste artigo. Blick integrava um grupo de músicos de várias proveniências – Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe –, capitaneados por Filipe Santos, produtor actual do autor de “*Ku furniga ku tudu gosta*”.

Natural do Tarrafal, Blick Tchutchi esteve em Janeiro passado em Cabo Verde, onde actuou no seu concelho natal. Não se tratou de uma homenagem, embora pessoalmente, pelo que já fez, considere que já tem trabalho suficiente para uma tal distinção, no dia em que quem de direito assim entender. “*Continuo a fazer coisas bonitas, trabalhos que deixam os cabo-verdianos satisfeitos*”, afirma num tom sem afectação.

Apesar de ausente vários anos das lides musicais, Blick diz que os fãs se mantiveram fiéis, e a estes juntaram-se vários outros, agora com outros gostos musicais. Afinal, longe vão os tempos em que os cabo-verdianos dançavam ao ritmo de “*Ku furnika ku tudu gosta*”. “*Além dos géneros que me tornaram conhecidos, agora também interpreto kizomba, de Angola*”, revela.

Este regresso de Blick, segundo ele, tem a ver com o pedido das pessoas que quando o encontravam queriam saber o que tinha provocado o “*eclipse*” de um músico tão popular, cantado e dançado por todas as bandas de Cabo Verde. “*Por causa do carinho e da insistência dessas pessoas decidi regressar, empurrado também pelo Filipe Santos. Estou a ser bem recebido e estou satisfeito. O meu próximo disco sai em Novembro, espero que as pessoas gostem*”.

A trabalhar como empreiteiro de obras em Portugal, Blick assume-se hoje como um cantor de “*part-time*”, apesar de achar que nasceu para cantar. “*Num disco meu, digo que nasci para cantar. Não canto só, porque vi alguém cantar e resolvi fazer o mesmo. Eu sinto no meu íntimo que nasci para cantar e se não vivo apenas da música é porque Cabo Verde é pequeno, o nosso mercado é pequeno, mas mesmo assim sinto-me bem quando canto*”.

A 1ª longa-metragem de ficção totalmente produzida e interpretada por cabo-verdianos estreou no país despoletando uma discussão pública.

Cabo Verde, Nha Cretcheu divide opiniões

O filme Cabo Verde, Nha Cretcheu de Ana Lisboa, estreou há cerca de duas semanas no Auditório Nacional Jorge Barbosa e na televisão nacional, causando fortes reacções dos espectadores nacionais.

Produzido pela “Brava Florida”, produtora que pertence à própria realizadora, “Cabo Verde, Nha Cretcheu” é uma longa metragem que, segundo a autora, “centra-se numa jovem de 13 anos violada por um professor, alargando-se a narrativa pelos múltiplos aspectos do impacto social de situações como esta”. “É um filme inspirado numa vivência real da sociedade cabo-verdiana, onde as mulheres e as crianças são sujeitas a mais sacrifícios do que os homens”, diz a realizadora/argumentista, que acrescenta tratar-se de uma obra que irá servir para que as pessoas tenham maior consciência do fenómeno da violência e comecem a tomar medidas.

Para já, parte do público parece não estar em sintonia com os objectivos de Ana Lisboa: as reacções deixam perceber algum desgosto pela forma como o país e os seus habitantes são retratados pela realizadora, radicada em França há alguns anos.

Nos dias que se seguiram à exibição do filme, as reacções fizeram-se sentir. Pela Internet, um dos meios de expressão de opiniões

mais utilizado por certa franja da sociedade, foi possível registar algumas conversas de pessoas que não gostaram do filme. Numa chatroom alguns internautas comentavam:

A “Viste o filme que a TCV passou ontem?? Cabo Verde Nha Cretcheu, (???)”

B “Nop! sobre o que era?”

A “Uma abordagem, no mínimo, estranha das relações pessoais, familiares e amorosas nestas nossas ilhas”.

C “Intrometendo-me, acho que o filme “Cabo Verde, Nha Cretcheu” está exagerado... ou estarei cega?”

B “Se for assim estranho, não vai faltar mais gente a manifestar-se”.

De facto, as manifestações sucediam-se. No seu blog (www.alamarginal.blogspot.com), Abraão Vicente criticou a obra: “Não sei qual foi a ideia da Ana Lisboa em dar ao seu projecto (...) o título de Cabo Verde, Nha Cretcheu!?? Alguém percebeu? Estará ela a insinuar que AQUILLO é o Cabo Verde que ela vê.

(...)Ana Lisboa tenta aqui (com pouco empenho diga-se) fazer o retrato do típico homem cabo-verdiano, mas ficou pelo senso comum. Isso demonstra pouca pesquisa de campo e algum amadoris-

mo no tratamento do tema.”, diz o artista entre outros comentários menos “suaves”.

O aspecto técnico do filme também não é poupado: “O filme da realizadora Ana Lisboa falha redondamente na sua componente técnica, estética e argumentativa. Não consegue em momento algum criar uma sequência narrativa clara e compreensível(...)”, comenta Fernando Pereira.

Para Ana Paula, professora são vicentina, a autora deveria ter optado por outro tema que representasse Cabo Verde com mais dignidade. “Mesmo a abordagem ao tema escolhido poderia ter sido mais bem feita: não gostei da maneira como os cabo-verdianos foram retratados”, conclui.

Mas há quem tenha uma opinião diferente sobre o trabalho da realizadora bravense:

“Considerando os poucos filmes de longa-metragem de ficção que têm alguma coisa a ver com Cabo Verde, que não chegam a meia dúzia, é bem-vindo. Um filme corajoso, que toca em questões muito sensíveis e que põe o dedo na ferida, ou melhor, em várias feridas bem reais e actuais desta sociedade. Daí não passar despercebido”, diz Gláucia Nogueira, jornalista e investigadora musical,



Alliance Française de Mindelo
Teranga Senegal e o
Centro Cultural do Mindelo

apresentam

OS SEMENTAIS DE YENNENGA
FILMES LAUREADOS DO FESPACO

SEMANA DO CINEMA AFRICANO

1ª Edição 2007

29 Outubro
30 Outubro
31 Outubro
2 Novembro
3 Novembro

no CCM às 20 horas

ENTRADA GRATUITA. LUGARES LIMITADOS

Semana do Cinema Africano no Mindelo

O Centro Cultural do Mindelo acolhe, de 29 de Outubro a 3 de Novembro, a Semana do Cinema Africano. Gratuito, o evento, organizado pela Alliance Française do Mindelo, mostrará apenas filmes premiados com o Étalon de Yennenga – o grande prémio do festival FESPACO, entre 1972 e 2005 –, e que se constituíram em clássicos do cinema do continente negro.

A ideia de realizar esta Semana do Cinema Africano surgiu quando o Ministério dos Negócios Estrangeiros de França editou uma colecção com 17 dos filmes premiados no Festival de Cinema de Ouagadougou. Os realizadores africanos premiados pelo Étalon de Yennenga cederam os direitos dos seus

filmes ao MNE francês, sob a condição de as cópias não serem difundidas comercialmente.

Assim, o primeiro volume foi lançado em Fevereiro, em Ouagadougou, e o segundo em Maio, no Festival de Cinema de Cannes. A Alliance Française adquiriu essa colecção e decidiu promover esta Semana do Cinema Africano com alguns desses filmes que estão legendados em português, o que é raro acontecer em relação a filmes africanos”, conta Hervé Le Normand, director da Alliance Française do Mindelo.

A abertura do evento é na segunda-feira, 29 de Outubro, às 19h15. Nos outros dias – 30 e 31 de Outubro, 2 e 3 de Novembro –, os filmes são projectados

às 20h00. “Le Wazzou Polygame” (1972), de Oumarou Ganda (Níger), “Tilal” (1991), de Idrissa Ouédraogo (Burkina-Faso), “Histoire d’une rencontre” (1985), de Brahim Tsaki (Argélia) e “Guimba, un Tyran, une époque” (1995), de Cheick Oumar Sissoko (Mali) são quatro dos filmes que estão em cartaz.

Findo o evento, a Alliance Française do Mindelo poderá pensar em outras iniciativas do género, segundo Hervé Le Normand: “Se tudo correr bem, ou seja, se houver grande afluência aos filmes desta primeira semana do cinema africano, a Alliance Française organizará mais programas do tipo, pois temos filmes que dão para mais duas semanas”.

Teresa Sofia Fortes



que acrescenta: “Se esteticamente não agrada a muitos, esse é um risco de qualquer obra(...). Se é considerado chocante pelo conteúdo, é porque de facto está a tocar em cordas sensíveis. Mas dizer que a realizadora pretendeu retratar todo o Cabo Verde naquelas situações é falacioso. Qualquer história é uma história, é sobre os seus personagens”.

Outra fonte, que preferiu manter o anonimato, diz reconhecer que o filme é tecnicamente fraco mas “põe o dedo numa ferida bem aberta no seio da nossa sociedade, habituada a fechar os olhos aos seus problemas”. É sintomático que, ao invés de se discutir os problemas abordados no filme, a maior preocupação parece ser “o que será que se vai pensar de nós lá fora?”.

Contudo, há quem entenda que foi mesmo intenção da realizadora estereotipar os cabo-verdianos e reduzir o país ao universo chocante do filme: “Se não, porque daria ela aquele título ao filme?” pergunta um finalista da universidade que assistiu ao filme na TCV.

Reagindo aos comentários sobre o filme, Ana Lisboa (que no momento se encontrava na Brava) afirmou-se consciente de que não pode agradar a todos: “Sabia que o filme não ia agra-

dar a todos. Só espero que as pessoas não usem ofensas pessoais para manifestar que não gostaram do filme”, diz acrescentando que “as pessoas que pensam que o filme é um retrato de Cabo Verde no seu todo, é porque não têm cultura cinematográfica. Eu não inventei nada, o filme retrata uma realidade bem presente em Cabo Verde: crianças e mulheres abusadas é algo que acontece todos os dias em Cabo Verde”.

Defendendo o seu filme, a autora realçou que se o mesmo fosse assim tão mau não seria seleccionado para vários festivais, ganhando prémios. O filme esteve em périplo por alguns países, tendo participado no Festival de Cinema de Cannes e vencido um prémio no Festival de Cinema de Marselha. Em Novembro participará do Festival de Cinema Africano em Nova Iorque.

“Quem decide se o filme é bom ou não é o público, não a elite” finalizou a realizadora.

Sejam quais forem as qualidades e os defeitos de “Cabo Verde, Nha Cretcheu” a discussão pública que está a suscitá-lo é algo que raros filmes, sejam eles de ficção ou documentário, conseguiram. CM



CHISSANA MAGALHÃES

Opinião

O filme da realizadora Ana Lisboa, “Cabo Verde, Nha Cretcheu” estreado há pouco entre nós, tem provocado algumas reacções públicas, algo quase inédito entre nós. O filme, que conta a história de uma adolescente que é violada pelo professor e que é também objecto de desejo de um homem que vem a revelar-se seu pai, é a primeira longa-metragem da autora e é também a primeira longa-metragem rodada totalmente em Cabo Verde e só com actores cabo-verdianos.

Não temos dentro da cinematografia cabo-verdiana muito por onde estabelecer comparações; seria pernicioso, para não dizer injusto, estabelecer tal comparação com filmes de não-ficção ou com longas-metragens de autores estrangeiros e/ou experientes. Ainda assim, é legítimo fazer um exercício de análise e opinião acerca desta obra, levando em conta o espaço cinematográfico em que ela se insere.

Tecnicamente, “Cabo Verde, Nha Cretcheu” tem muitas limitações: um argumento com várias inconsistências, um trabalho de câmara pouco imaginativo, uma montagem com falhas flagrantes, personagens demasiado estereotipadas e interpretações que não fogem ao esperado em actores amadores e, na sua quase totalidade, estreantes.

No que toca à sua temática, é de facto um caso singular: pela primeira vez, na nossa jovem cinematografia, a ousadia de fugir à tentação de fazer o retrato do Cabo Verde positivo. Seria mais fácil para Ana Lisboa procurar cair nas boas graças de todos e fazer um filme sobre o bom e o belo que Cabo Verde tem para mostrar (e que de facto tem!). Contudo, preferiu arriscar-se e, lançando mão da liberdade criativa, fez um filme-denúncia, que retrata (infelizmente não nas melhores condições técnicas/estéticas) aspectos reais e preocupantes do nosso país: a violência sobre as mulheres e a pedofilia. Algo que milhares de realizadores em todo o mundo já fizeram relativamente ao mesmo e a outros problemas dos seus países (em melhores condições, diga-se).

Todavia, não vi no filme nada que indicasse que a intenção da autora era fazer crer aos espectadores que aquela história, aquelas personagens, eram o retrato completo de Cabo Verde. Não tenho razões para ver naquele professor de conduta imprópria todos os professores de Cabo Verde. Apenas um professor de conduta imprópria como alguns que de facto existem neste país.

O título, é o que parece levar alguns a acreditar nas “más intenções” da autora: é obviamente provocador. Penso que a intenção é usar o contraste para ironizar (Cabo Verde, Nha Cretcheu é uma expressão de afecto, de bem-querença): com um título tão simpático e luminoso ninguém estava à espera de encontrar um filme sobre o nosso *dark side*.

O cinema cabo-verdiano é criança, mas o público não é. Ele, o público, começa a ser mais exigente; a esperar por trabalhos tecnicamente bem-feitos e histórias bem contadas. Mas o público também tem que estar consciente de que o cinema (assim como a música e outras expressões artísticas) não tem que se comprometer a só retratar o belo e o bom; o público sabe perfeitamente (ou deveria saber) que os espectadores estrangeiros não são ingénua a ponto de concluir que Cabo Verde, Nha Cretcheu é o bilhete de identidade do país. Tenho a impressão de que o grosso do que passa para fora sobre Cabo Verde é positivo. Mas não é preciso este filme para o estrangeiro concluir que Cabo Verde não é o paraíso e sim um país que, como todos os outros, também tem os seus “podres”.

Não creio que este filme vá manchar a imagem de Cabo Verde e nem que fosse essa a intenção da autora. A verdadeira intenção de Ana Lisboa – expressa em várias entrevistas durante a pré-produção do filme – que é provocar um debate sobre a violência que vitima mulheres e crianças saiu, por agora, gorada: discute-se a qualidade do filme e as repercussões que este terá na imagem do país no exterior. O resto fica para depois.

Cinema na agenda dos Centros Culturais

Enquanto os cinemas do país continuam de portas fechadas e estuda-se o retomar de actividades, ou não, dos cine-clubes, os centros culturais de algumas ilhas parecem ter concertado posições para oferecer ao público cabo-verdiano um espaço colectivo de visionamento de filmes.

Na cidade da Praia, o Centro Cultural Francês, que retomou actividades em Setembro, decidiu iniciar um programa quinzenal de exibição de filmes, sendo 5ª feira o dia da semana eleito para as sessões no pátio do CCF.

Também a Embaixada do Brasil, através do seu gabinete de cultura (que promoveu recentemente uma semana dedicada ao cinema brasileiro), já manifestou a intenção de tornar o programa mais frequen-

te, assim que tenha pronto o Centro de Estudos Brasileiros.

Em São Vicente é a Alliance Française que vem promovendo sessões de cinema, com ciclos dedicados a figuras de relevo no mundo do cinema.

Também os cinéfilos da ilha do Fogo têm agora oportunidade de desfrutar de um espaço público de visionamento de filmes: a Casa da Memória incluiu recentemente na sua programação sessões semanais de cinema, às sextas.

Apesar de não confirmar a informação, é sabido que a Câmara Municipal da Praia tem recebido algumas propostas para exploração do cinema. Mas as probabilidades deste e de outros cinemas do país retomarem as actividades a curto ou médio prazo são ínfimas. CM





Casa da Memória expõe novos utensílios

A Casa da Memória renovou a sua exposição permanente, à base de utensílios históricos e antigos cedidos por famílias tradicionais do Fogo, mais concretamente a família Macedo.

Algumas peças contam na sua existência mais de 150 anos. Estão numa secção de peças ligadas à cozinha, desde fogões, panelas, vários ferros de engomar de diferentes tipos, balanças, moinho de pedra e cadeiras. Também aí estão livros antigos, jornais, mapas. Por entre esta grande diversidade

de utensílios, sobressai um caldeirão que cozinhou para várias gerações de fogueuses. Tudo no intuito de ajudar os fogueuses e turistas a compreenderem melhor a vivência histórica e sobretudo a cultura do Fogo ao longo dos anos.

A exposição poderá ser visitada entre quarta e sexta-feira, por alunos, professores, por nacionais e turistas. A ocasião pode ser ainda aproveitada para visitar a biblioteca desta Casa da Cultura. A biblioteca oferece não só livros históricos mas também livros de

interesse para o ensino e aprendizagem da cultura e da vivência da sociedade Fogueuse através dos anos.

Como já vem sendo hábito às sextas-feiras, os filmes fazem parte da programação desta Casa da Cultura. E nesta sexta, 26, é exibido o "ADEUS RPAZES", um filme autobiográfico do realizador Louis Malle, que ficou marcado, em criança, pelo drama da guerra e da deportação estará em exibição. Este filme foi vencedor da palma de ouro do festival de Cannes em 1987.

Nicolau Centeio

CCF Promove Ateliers

O Centro Cultural Francês prepara-se para introduzir mais uma inovação no seu programa de actividades: ateliers de criação.

Há duas semanas teve início o Atelier de Contos, que tem funcionado no edifício do CCF todos os sábados, entre as 10 horas e as 11h30. Este atelier é dedicado às crianças (dos oito aos catorze anos) que só têm de ouvir com atenção os contos narrados por José Rui Rodrigues.

Já para os ateliers de criação - um de confecção de instrumentos musicais ministrado por Márcio Rosa e outro de estilismo, animado por Kajó Fortes - a participação está aberta a todos os inscritos no CCF que tenham a quota anual em dia. Quem quiser poderá fazer a sua inscrição no centro e participar dos ateliers que decorrerão no Palácio da Cultura, aos sábados.

CM

IV Prémio Garantia Jovens Pintores

1.1. CONDIÇÕES DE ACESSO AO CONCURSO

1.1. Podem concorrer jovens de nacionalidade cabo-verdiana, de idades compreendidas entre os 16 e os 33 anos, inclusive, referenciadas à data de 31 de Dezembro de 2007.

1.2. A participação no Concurso é gratuita e a inscrição é feita através de ficha própria no acto de entrega das obras.

1.3. As obras apresentadas serão de tema livre e deverão ser inéditas.

1.4. Cada concorrente poderá apresentar a Concurso duas obras.

1.5. As obras devem ser entregues, exclusivamente, nos locais indicados no verso deste regulamento.

1.6. As obras deverão ser identificadas com título, bem como com o nome, idade e endereço do autor, e não podem exceder as dimensões, incluindo molduras e/ou suportes, de 100 X 120 cms.

1.7. Todos os trabalhos deverão ser entregues devidamente embalados, emoldurados e com suporte.

1.8. Com as obras apresentadas a Concurso devem ser entregues, em envelope único, devidamente identificado, os seguintes documentos:

- Ficha de inscrição totalmente preenchida
- Fotocópia do Bilhete de Identidade do autor
- Fotografias das obras a cores, com a indicação, caso a caso, da sua orientação para efeitos de exposição.
- Curriculum vitae dactilografado (opcional)
- Outros documentos do interesse do autor (opcional)

1.9. O período para entrega de obras decorrerá de 24 de Setembro a 31 de Outubro de 2007.

1.10. A participação no Concurso implica a concordância com os termos expressos no presente regulamento.

2. APRECIACÃO E SELECÇÃO DAS OBRAS

2.1. As obras submetidas a Concurso serão apreciadas por Júri constituído por representantes da Companhia de Seguros Garantia, SA, do Instituto de Promoção Cultural e por outras pessoas de reconhecido mérito na área cultural, a quem caberá decidir sobre os prémios e menções honrosas a atribuir e os trabalhos a seleccionar para Exposição.

2.2. O Júri poderá não atribuir algum prémio, no caso de assim decidir

2.3. As decisões do Júri serão tomadas públicas, não havendo, sobre elas, reclamação ou recurso.

3. PRÉMIOS

3.1. Os prémios do Concurso serão os seguintes:

1º Prémio: ECV. 200.000\$00

2º Prémio: ECV. 150.000\$00

Prémio Revelação: ECV. 100.000\$00

3.3. As obras premiadas, passarão a ser pertença da Garantia Companhia de Seguros de Cabo Verde SA.

3.4. A obra distinguida como prémio Revelação passará a ser pertença do Instituto de Promoção Cultural.

3.4. A entrega dos prémios e a apresentação pública das obras seleccionadas será realizada em Exposição a efectuar a partir do dia 1 Novembro de 2007, na sala de exposições no edifício da Sede da Garantia, SA, na cidade da Praia.

3.5. A Garantia Companhia de Seguros de Cabo Verde SA e o Instituto de Promoção Cultural reservam o direito de opção para aquisição das obras apresentadas a Concurso.

3.6. Reservam, igualmente, o direito de divulgar e reproduzir as obras premiadas e seleccionadas, em documentos ou outras publicações das próprias Instituições.

4. DEVOLUÇÃO DAS OBRAS

4.1. As obras deverão ser levantadas nos locais onde foram entregues, nos seguintes períodos:

Obras não seleccionadas:

De 1 a 30 de Novembro de 2007

Obras seleccionadas:

De 1 a 31 de Março de 2008

4.2. A Organização do Concurso não se responsabiliza pela devolução das obras não reclamadas dentro dos prazos estipulados.

5. SEGURO DAS OBRAS

A Organização do Concurso não se responsabiliza por qualquer dano ou extravio ocorrido durante o transporte ou exposição das obras ou outros materiais inerentes à candidatura, excepto no que respeita ao seguro efectuado. Neste sentido, os concorrentes devem apresentar, na ficha de inscrição, um valor justificado para cada obra, para efeitos de seguro.

6. CASOS OMISSOS

Os casos omissos neste regulamento serão apreciados pela Organização do Concurso e da sua decisão não haverá recurso.

Contactos Garantia: Plateau 2604230 /Chã d'Areia 2608628 Assomada 2655488 /Mindelo 2323321 /Espargos 2411060 /Sta. Maria 2421832

Instituto Promoção Cultural : 2618018

Inscrições de 24 de Setembro a 31 de Outubro de 2007

Oiça

Rua Direita. Tiolino, edição Harmonia, 2007.

Pela guitarra e voz de Tiolino, chega-nos a versão "bubista" da nova vaga da música tradicional. O álbum aposta exclusivamente nos ritmos mais populares da ilha das dunas, que é o território habitual deste músico que emprestou um tema ao álbum N' Bem di Fora, de Lura.

Vale a pena ouvir com atenção as letras, autênticas histórias do quotidiano da ilha, algumas com uma irresistível dose de humor (caso do sucesso radiofónico Pidrinhe).

Espectáculos

Biús está de regresso ao Alta Lua (Minde-IHotel) hoje, 26. O cantor, músico e compositor faz-se acompanhar no seu shows pela banda cabo-verdiana de pagode Só Alegria. No ar, portanto, fica a promessa de uma noite de coladeiras e sambas.

No feriado de Todos os Santos, Lura vai estar em concerto em Portugal, no teatro Tivoli, em Lisboa. E vai ser Teófilo Chantre, que lançou recentemente um novo trabalho, quem abre o show às 21 horas.



O Quintal da Música continua a apostar nos músicos cabo-verdianos e oferece ao público praiense, neste fim-de-semana, mais dois concertos. Hoje, sexta-feira, Ulisses Santos apresenta-se com um leque de convidados (Tó Alves, Magra, Vadú, Nho Djonsinho Alves, Bino Branco e, ainda, o poeta Danny Spínola.

No sábado, pelas 21 horas, sobe ao palco o trio formado por Ulisses Santos, Áureas e Betinho.

Após o sucesso dos dois concertos que integraram o Festival da Lusofonia em Macau, que aconteceu entre os dias 19 e 21 de Outubro, a cantora cabo-verdiana LURA prepara-se para actuar hoje, sexta-feira, 26, no Festival d'Arte e Música de Shanghai. LURA é assim a primeira artista cabo-verdiana a actuar na CHINA.



Jim Porto é o convidado especial das noites musicais do Bar Lobby (Hotel Porto Grande), deste fim-de-semana. Hoje, 26, e amanhã, 27, o músico brasileiro radicado em Roma, Itália, tocará uma música de todas as cores, fruto de jazz é samba e afro é funk mas toca a alma do mundo.

Nôs música na mundo

"África em Festa" é o nome com que se baptizou a série de concertos que artistas cabo-verdianos fazem acontecer desde 19 de



Os Sons da Fala, projecto musical que envolve músicos dos Palop, entre eles o cabo-verdiano Tito Paris (foto), apresentam hoje, 26, às 21h30, o seu CD na FNAC do Shopping Cascais, Portugal. O disco, em que cantam também Sérgio Godinho, Vitorino, Janita Salomé, Filipe Mukenga, André Cabaço, Guto Pires, Juka e Madeira Júnior, compõe-se, segundo a produtora Praça das Flores, de "*músicas que são pedaços da nossa memória espalhada por Portugal, África e Brasil*".

Outubro, no Estúdio 100, em Lisboa. De hoje, 26 de Outubro, até 10 de Novembro, passam pelo palco dessa sala de espectáculo lisboeta cinco cantores crioulo: Leonel Almeida, Calú Moreira, Rita Lobo, Dany Silva e Aires Silva.



Visite

Tchalé Figueira exhibe a partir de 3 de Novembro a sua mais nova obra – um puzzle de 100 peças, que formam um único painel –, no PowerStation Art Festival, Hotel Movenpick, na holandesa Amsterdão. Tchalé está na Holanda, a convite da fundação suíço-holandesa Art Power.

Américo Fortes repõe primeira edição de Xclumbumba

"Xclumbumba onde ke bo ti ta bai" volta ao palco do Centro Cultural do Mindelo nos dias 27 e 28, sábado e domingo, respectivamente, quatro anos depois da estreia. De acordo com Américo Fortes, criador e actor de Xclumbumba, que será coadjuvado por aspirantes a actores, seus alunos, esta é a última vez que encena esta peça.

Baseado no acordo recentemente celebrado com o Centro Cultural do Mindelo, Américo Fortes apresenta "**Xclumbumba onde ke bo ti ta bai**" este fim-de-semana, em duas sessões diárias, das 17 às 18h00 e das 19 às 20h00. É a última oportunidade de assistir a esta peça que é simultaneamente educativa e engraçada.

Porque, "**Xclumbumba onde ke bo ti ta bai**" vai virar livro numa edição que, além do texto cénico (com indicações cénicas), incluirá banda desenhada e sugestões de guarda-roupa. "**Ainda preciso adaptar o texto ao ALUPEC e convidar alguém a criar a banda desenhada**", afirma Américo Fortes.



Feira de Lajedos

Queijos
Doces
Funguim
Artesanato

Frutas
Pontche
Licores
Sumos Naturais


Charcutaria
Aves e Cabritos
Ovos "de terra"
Legumes Frescos

No 1º sábado de cada mês
não perca a exposição/venda
de produtos locais

das 12h às 21h
Animação Cultural

Transporte: 100\$00
partida de Porto Novo
13:30 / 16:00

Regresso - vários horários

 Projecto
Desenvolvimento
Rural no Concelho
de Porto Novo

UMA INICIATIVA DE PROMOÇÃO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA NA ILHA DE SANTO ANTÃO